



Desconstruindo estereótipos sobre a escravização no Brasil: uma experiência no Estágio Supervisionado II

Lucas Cardoso de Moura*

Introdução

Este artigo é resultado das reflexões proporcionadas pela disciplina de Estágio Supervisionado II, pela Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal. A mesma possui a carga teórica de trinta horas, e de carga prática sessenta horas, totalizando uma carga horária total de noventa horas.

De acordo com a ementa disciplinar, o Estágio Curricular Supervisionado II busca compreender a relação entre professor-aluno, buscando trabalhar através de aplicação de metodologias, que envolvem conteúdos diversificados e criativos, desenvolvendo com os estudantes atividades que vão além do conteúdo.

Para o desenvolvimento desta disciplina tivemos como um dos objetivos principais, desenvolver uma sequência didática com alguma turma dos anos finais do ensino fundamental. Optamos por trabalhar com uma turma de oitavo ano. Dentro dos nossos objetivos procuramos conhecer procedimentos de investigação que nos ajudam a compreender jovens alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Outro objetivo que buscamos com a disciplina, foi a articulação entre a historiografia e o ensino fundamental, ou seja, relacionar um profícuo diálogo entre a historiografia em que estudamos e correlaciona-la com o ensino fundamental.

Compreendemos a sala de aula como um espaço de produção de conhecimento e não mero local de reprodução de conhecimento acadêmico. Nas observações realizadas ao longo do Estágio Curricular Supervisionado I e II percebemos o quanto importante é a escola para a produção de conhecimento dentro da academia, e destacar que o espaço escolar influência na produção dentro das universidades. Uma vez que quando temos



mudanças nos conteúdos que baseiam os currículos escolares, temos na academia estudos sobre o mesmo. Desta forma; percebemos que a escola não é um mero espaço de reprodução do conhecimento, mas sim de produção do mesmo.

Partindo do princípio de que o espaço escolar é de produção de conhecimento, podemos enfatizar que procuramos observar e analisar especificamente as aulas de história e os sujeitos que compõem a mesma, e em seguida desenvolvemos uma sequência didática.

Para as observações em sala de aula, lemos textos referentes ao espaço escolar e também sobre a multiculturalidade neste mesmo espaço. Discutimos ainda textos relacionados ao ensino e aprendizagem referentes à história. Nossas aulas teóricas que totalizaram trinta horas foram fundamentais para discutirmos sobre estes aspectos e outros que circundam nossa sociedade e que estão presentes na escola.

Segundo Antonio Zabala (1998) a sequência didática deve abordar além dos conteúdos conceituais, os conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais, pois desta forma instiga os estudantes no processo de ensino e de aprendizagem.

Organizamos o texto em três momentos. No primeiro momento enfatizaremos os sujeitos e o cenário onde estão inseridos, ou seja, apresentar a escola e os estudantes. No segundo analisamos a sequência didática que desenvolvemos com uma turma de oitavo ano. E por fim, registramos algumas considerações sobre tal sequência e o processo de ensino e aprendizagem.

Os sujeitos e o cenário escolar

A escola onde desenvolvemos a sequência didática foi a Escola Municipal Manoel Alves Vilela, EMMAV. Localizada em uma região periférica na cidade de Ituiutaba-MG. Buscamos desenvolver neste tópico alguns aspectos sobre a relação entre os estudantes e a escola, procurando compreender até que ponto a escola e a disciplina de história fazem sentido para os estudantes.

Pelas observações que realizamos na escola, percebemos que os estudantes são de uma classe econômica baixa, não que esse dado seja preponderante na análise que



estamos realizando, mas que certa forma é um fator que deve ser levado em consideração.

Alguns estudantes parecem considerar a escola como uma instituição distante de sua realidade, ou seja, percebem a mesma como algo sem nenhum sentido para suas vidas, a não ser para cumprir uma etapa obrigatória imposta pelo sistema. Dentro deste aspecto temos uma exclusão de certos estudantes, pois a exclusão ocorre dentro de sala de aula. Se nós professores desconsiderarmos alguns estudantes por acharmos que os mesmos são menos capazes do que os outros estamos excluindo parte dos estudantes.

Não podemos colocar a culpa somente nos estudantes que não conseguem realizar suas atividades em sala de aula, temos que analisar todo o conjunto que rodeia a escola e os alunos. Muitos estudantes são deixados de lado em vários setores da sociedade, mas o mesmo espera que a escola seja o local onde possa ser acolhido, mas de certa forma é excluído, por vários motivos, ou por ser negro, homossexual, ou por apenas não se encaixar nos aspectos padrões que a nossa sociedade nos impõe. A partir disso, podemos enfatizar que a sala de aula é um espaço multicultural, e que deve ser pensada para a satisfação e sucesso de todos os alunos e não apenas parte deles. De acordo com Peter McLaren (2000):

Este livro segue o trabalho de multiculturalistas, na tentativa tanto de desbancar os ataques conservadores ao multiculturalismo como os paradigmas liberais sobre este; tais paradigmas, em minha opinião, simplesmente representam ideologias neoliberais e conservadoras sob um manto discursivo de diversidade. (MCLAREN, 2000, p. 20)

A escola em que desenvolvemos nossas observações possui características que causam nos alunos uma sensação de estarem em uma prisão, do que um espaço educacional de desenvolvimento intelectual. Chegamos está hipótese pelo fato das características físicas da escola, que mais se assemelham a uma prisão. As grades e a presença de um inspetor a todo o momento na escola trazem essa sensação passada para os estudantes.

Para pensarmos a relação entre sujeito e a escola, devemos enfatizar que os estudantes estão inteiramente ligados as suas realidades sociais. Dessta forma, não podemos pensar os mesmos de forma desmembrada, mas sim articulada com suas inquietações de suas realidades.



Assim entendemos que o ensino de história deve ser pensado e trabalhado de forma que faça sentido aos estudantes, que ajudem os mesmos a refletirem sobre os aspectos sociais e culturais que permeiam a realidade. Por isso, dialogamos e concordamos com a professora e pesquisadora Selva Guimarães quando a mesma afirma que:

Assim, a escola fundamental e média tenta se constituir como espaço de construção de saberes e práticas fundamentais, reconstruindo a passagem de libertação do homem: de súdito para cidadão. Somente o ensino de história comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta, permanente e fundamental, da sociedade: direitos do homem, democracia e paz. (GUIMARÃES, 2003, p. 96).

O ensino de história pode contribuir na formação de cidadãos críticos e pensantes que questionam e refletem sobre a realidade e a sociedade na qual estão inseridos. Podemos concluir que os sujeitos possuem uma importância muito grande para as reflexões e a construção do conhecimento nas escolas e na academia.

Algumas considerações sobre a sequência didática

A sequência didática analisada nesse trabalho consistiu em três aulas, cuja tema trabalhado fora o período escravocrata no Brasil. Tal tema foi escolhido devido aos desafios de nosso presente em se estudar a cultura afro brasileira, buscando desconstruir estereótipos e pré-conceitos sobre os escravizados e a cultura desses sujeitos, que está presente em nossa sociedade até os dias atuais. Em nosso presente percebemos atitudes racistas e que estereotipam os negros e seus aspectos culturais. Dessa maneira que se dá a importância de se estudar com os alunos a cultura afro- brasileira. De acordo com João José Reis, “Enquanto o negro brasileiro não tiver acesso ao conhecimento da história de si próprio, a escravidão cultural se manterá no País”. (REIS, 1993, p. 189).

Durante as três aulas trabalhamos com conteúdos conceituais, como: Escravidão, escravizados, cultura, sociedade, cotidiano, e sujeito histórico, os mesmos foram conceitos chave para o desenvolvimento das aulas.

Para efetivar o processo de ensino e aprendizagem na História podemos destacar a importância de se partir das inquietações do presente para se estudar o passado. É



preciso que a história faça sentido para os estudantes. Estudar o passado pelo passado não irá despertar interesse nos alunos, e também será apenas um conhecimento sem reflexão. A história não é apenas datas e marcos históricos, é uma reflexão social e cultural que precisa ser desenvolvida com os estudantes. Nesse sentido, Bloch afirma:

Do mesmo modo, essa solidariedade das épocas tem tanta força que entre elas os vínculos de inteligibilidade são verdadeiramente de sentido duplo. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente. (BLOCH, 2001, p. 65).

Além da relação entre presente e passado, consideramos fundamental capturar os saberes prévios dos estudantes. Conforme Seffner (2000) o conhecimento histórico escolar precisa levar em conta os saberes dos estudantes, o interesse e os gostos dos mesmos. Por isso, a primeira aula consistiu partir do conhecimento dos estudantes sobre escravidão, os mesmos se reuniram em grupo dentro da sala de aula onde escreveram algumas considerações sobre o que sabiam do período escravocrata brasileiro. O estudante não é um indivíduo sem conhecimento, não é uma folha em branco, o mesmo é um sujeito histórico que possui experiências e nós docentes devemos partir deste conhecimento para construirmos outros conteúdos com os estudantes. Na continuação deste texto apresentaremos fragmentos das produções dos estudantes.

Dentro dos conteúdos procedimentais tivemos como objetivos refletir sobre os aspectos culturais dos escravizados, destacando que os mesmos possuíam cultura e que a relação dos mesmos com seus senhores eram de forma horizontal e não vertical, a mesma se dava em um contrato social. Refletimos também sobre as vestimentas, modos alimentares e moradias, aspectos esses que estão ligados a cultura dos mesmos.

Nas aulas trabalhamos com procedimentos atitudinais, que desenvolve nos alunos a capacidade de reflexão e problematização. Ressaltamos a necessidade de levar os estudantes a: Expressar opinião, refletir, comparar, trabalhar em grupo, ler, observar, analisar, e problematizar.

Como afirmamos anteriormente, no primeiro momento da aula os alunos se reuniram em grupo e escreveram em forma de texto o que sabiam sobre a escravidão no Brasil. No segundo momento se desenvolveu uma narrativa histórica sobre o período



escravocrata partindo desde os aspectos culturais na África, antes da chegada dos europeus no continente africano.

Analisou-se também, junto com os estudantes o mapa mundi para que se refletissem sobre os navios negreiros que partiam do continente africano, para o continente americano, tendo como ênfase de análise o Brasil.

Nos escritos dos estudantes percebemos que os mesmos possuem certo conhecimento sobre o período escravocrata, onde apreenderam tal conteúdo em novelas ou jornais que tratavam sobre tal época. Em algumas reflexões dos estudantes evidenciamos que os mesmos copiaram do texto de apoio algumas informações sobre este período. Elencamos este ocorrido como ponto negativo de nossa atividade, uma vez que a mesma consistia em analisar o que o estudante sabia a partir de seu conhecimento, e não de uma cópia do texto base.

Em alguns grupos verificamos que se dedicaram a escreverem sobre o período, sem copiarem o texto base. Destacamos aqui tais escritos, para possamos analisar. “Os africanos contribuíram para a cultura do Brasil e no nosso vocabulário existe muitos valores africanos”. (Grupo 1, 2016). “Alguns exemplos da cultura afro-brasileira presente até os dias atuais são: música, danças, capoeira, comidas típicas, vestes.” (Grupo 2, 2016).

Estes dois escritos foram de diferentes grupos que registraram sobre o período escravocrata brasileiro. Os estudantes identificaram a importância da cultura africana para a formação da sociedade brasileira. Os escravizados eram indivíduos ativos e protagonistas naquela sociedade e não meramente mercadorias.

Após a atividade escrita, tivemos uma narração histórica sobre a vinda dos escravizados para o Brasil, e após esta narrativa conversamos com os estudantes e perguntamos aos mesmos, onde que eles apreenderam sobre o período escravocrata brasileiro. Muitos estudantes responderam que apreenderam em novelas, ou em livros. Confirmamos que os estudantes possuem conhecimento e que o mesmo não pode ser desvalorizado. . Ratificamos Lautier (2011), ao afirmar que os jovens estudantes, para aprender história, mobilizam uma compreensão narrativa e o seu conhecimento do mundo vivido.



Após ouvirmos os alunos desconstruímos alguns estereótipos sobre o período, cuja dizem respeito ao modo de vida dos mesmos, ou seja, os mesmos não apenas trabalhavam e eram castigados, possuíam cultura e eram protagonistas. Como ponto positivo, podemos destacar a participação dos alunos nesta aula, que fundamentalmente desconheciam as formas de resistência dos escravizados, como por exemplo, a vingança por parte do escravizado contra seu senhor e também sobre os quilombos.

A segunda aula consistiu em atividades com os estudantes a partir do compêndio didático, buscando refletir com os mesmos alguns exemplos de trabalhos escravos na atualidade. Dentro desta aula, ainda enfatizamos as formas de resistência que os escravizados usaram em função de seus interesses, reafirmando a ideia de que os mesmos eram indivíduos ativos na sociedade.

O objetivo nesta aula era desenvolvermos quatro atividades e alguns exercícios referentes ao livro didático, tendo como tema o protagonismo dos escravizados, mas na prática só conseguimos efetuar cinquenta por cento do que estava previsto na atividade.

Percebemos que a sala ficou inquieta no momento das atividades e também nos momentos das narrativas históricas. A metodologia utilizada e desenvolvida nesta aula consistiu na leitura com os alunos das atividades propostas e também o apoio no desenvolvimento individual da mesma. A maioria dos alunos mostrou um grande desinteresse pela mesma, pelo fato de estarmos refletindo a partir do compêndio didático. Apontamos como ponto negativo desta atividade o intenso uso do compêndio e pouco trabalho com outras formas de expor o conteúdo proposto.

Ao longo dessa aula ainda trabalhamos com os quilombos e também sobre os quilombolas que existem até os dias atuais. As atividades que não foram cumpridas na aula têm por justificativa a falta de tempo e também por não despertar nos alunos interesse por tal atividade.

Como análise para o corrido, podemos elencar que os estudantes já possuem uma rotina diária com o livro didático, assim, os mesmos se sentiram dentro de uma rotina e por isso não participaram da aula, mostrando um descontentamento sobre o conteúdo e as atividades propostas. Como pontos positivos podem elencar a participação dos alunos na construção da atividade, no que se diz respeito ao assunto



sobre capoeira que era uma forma de resistência dos escravizados, e também a leitura dos mesmos nas reflexões sobre o trabalho escravo na atualidade.

Na terceira e última aula desenvolvida a partir de nossa sequencia didática, analisamos uma fonte histórica, no que se diz respeito a uma pintura do século XIX, do autor Moritz Rugendas.

Concordamos com a pesquisadora e professora Circe Bittencourt (2004) no que diz respeito a importância de usar didaticamente documentos, não com o objetivo de se formar mini-historiadores, mas de aproximar os estudantes a este universo.

Essa pretensão acarreta uma série de dificuldades ao ensino e contraria os objetivos da disciplina, cuja a intenção maior é desenvolver uma autonomia intelectual capaz de propiciar análises críticas da sociedade em uma perspectiva temporal, conforme já se disse anteriormente. Daí a necessidade de se deter em alguns aspectos do uso de *documentos* ou de *fontes históricas* nas aulas de História, começando pela identificação das especificidades de uso. (BITTENCOURT, 2004, p. 327-328)

Ao utilizarmos e explorarmos documentos construímos com os alunos a capacidade de analisar e criticar historicamente a sociedade em que vivemos, assim construímos cidadãos críticos.

Em primeiro momento realizamos uma revisão das aulas anteriores e em seguida projetamos está figura em um vídeoprojetor para que os alunos analisassem a mesma.

Logo em seguida entregamos aos alunos a imagem com uma ficha de análise, que direcionavam as questões e reflexões onde os mesmos deveriam se atentar para a fonte histórica analisada.

Dividimos a sala em pequenos grupos, semelhantes a primeira atividade, na aula inicial e assim fomos construindo questionário em forma de texto junto com os estudantes. Verificamos a importância desta atividade para os alunos, pois percebemos que os mesmos se interessam, pois trazem outra perspectiva de aula de conteúdo histórico, não usando apenas o quadro e o giz para a construção do conhecimento junto aos estudantes.

Antes dos alunos sentarem em grupo, realizamos uma leitura que dizia respeito à pintura analisada e também para os estudantes se atentarem para o contexto histórico da



mesma. Os escritos dos alunos foram interessantes para construir uma atividade coletiva, onde o professor ajudou na construção e desenvolvimento da mesma.

Após quinze minutos para a realização da atividade, corrigimos junto aos alunos as questões propostas na folha, que dizia respeito a pintura analisada. Notamos que os alunos estavam interessados no desenvolvimento da mesma pois, mudava a forma das aulas, ou seja, trabalhamos com outros recursos para a aula.

Outro aspecto interessante que desenvolvemos nesta aula consistiu em ler a pintura. Os alunos participaram da leitura e se mostraram interessados pelo tema. Escolhemos trabalhar com a pintura de Rugendas, pois a mesma retrata o cotidiano dos escravizados no século XIX. Na pintura percebemos um modo de vida que contraria alguns estereótipos propagados muita das vezes pelo senso comum, de que, por exemplo, os escravizados só se habitavam nas senzalas.

A pintura nos retrata o cotidiano dos escravizados, retratam os mesmos com seus filhos e família, desconstruindo a ideia de que os mesmos só trabalhavam em prol de seu senhor, e não possuíam uma cultura familiar.

Ao fim da última aula agradecemos a participação dos alunos nas três atividades propostas pela sequência didática, e de certa forma saímos satisfeitos da atividade, uma vez pela a necessidade de se estudar e desconstruir estereótipos sobre os escravizados no Brasil, e também por conseguir concluir o compilado de aulas com os alunos de tal escola.

Considerações finais

Concluímos a partir desta experiência a importância de se trabalhar com o tema escravidão no ensino básico, pois já constrói nos alunos outra visão sobre o período, desta forma desconstrói estereótipos, preconceitos e formas de discriminação que presenciamos até os dias atuais em nossa sociedade. Percebemos também a importância de se recorrer às experiências e saberes dos estudantes, pois assim a história tem um sentido mais aproximado da realidade do mesmo. Por fim, como futuro professor de história este conjunto de aulas foi muito importante para o meu desenvolvimento e irá



contribuir para a minha formação e futuramente para a formação de meus futuros alunos.

Referências bibliográficas:

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar, p. 51-68. 2001.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- GUIMARÃES, Selva. O ensino de história e a construção da cidadania. In: *Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*. – 13º ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- LAUTIER, Nicole. Os saberes históricos em situação escolar: circulação, transformação e adaptação. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 39-58, jan./abr., 2011.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo Revolucionário* – Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.
- REIS, J.J. Aprender a raça. *Veja*, São Paulo, edição especial: 25 anos: reflexões para o futuro, 1993.
- ZABALA, Antonio. *A prática educativa: como ensinar*. São Paulo: Artmed, 1998.

* Bolsista do PET História – UFU/Campus Pontal. E-mail: <mouralucascardoso@hotmail.com>.